

**DA MONTANHA MÁGICA AO MATADOURO 5:  
UMA LEITURA PIAGETIANA SOBRE O TRAUMA INFANTIL NA PERDA DO  
DISCERNIMENTO TEMPORAL EM THOMAS MANN E KURT VONNEGUT, JR.**

---

Tristan Guillermo Torriani<sup>1</sup>

**Resumo**

A desestruturação traumática da vivência espaço temporal explorada literariamente em *A Montanha Mágica* de Thomas Mann e *Matadouro 5* de Kurt Vonnegut, Jr. pode ser investigada a partir do trabalho de P. Zimbardo, L. Terr e da Terapia Cognitivo-Comportamental sobre o trauma infantil e a concepção piagetiana do período pré-operacional, marcado por egocentrismo e assimilação lúdica. Na primeira obra, o protagonista Hans Castorp sofre traumas seguidos na perda da mãe, do pai e do avô, e permite, mais tarde, que sua experiência subjetiva do tempo se desassocie gradualmente da medida intersubjetiva ("objetiva") do tempo. Em *Matadouro 5*, o protagonista Billy Pilgrim passa por traumas que geram rupturas e saltos (tanto para frente quanto para trás) na sua experiência linear do tempo. Concluímos o estudo comparativo destacando as similaridades entre os romances.

**Palavras Chave:** Trauma infantil; Piaget, J.; Mann, T.; Vonnegut, Jr., K.; Tempo.

---

<sup>1</sup>Professor Doutor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), campus Limeira, São Paulo, Brasil. E-mail: [tristan.torriani@fca.unicamp.br](mailto:tristan.torriani@fca.unicamp.br)

---

**FROM THE MAGIC MOUNTAIN TO SLAUGHTERHOUSE-FIVE: A PIAGETIAN INTERPRETATION OF SPATIOTEMPORAL DISORIENTATION CAUSED BY CHILDHOOD TRAUMA IN THOMAS MANN AND KURT VONNEGUT, JR.**

---

**Abstract**

Traumatic desintegration of spatiotemporal experience is explored in Thomas Mann's *The Magic Mountain* and Kurt Vonnegut, Jr.'s *Slaughterhouse-Five*, and it can be analyzed by using the work of J. Piaget, L. Terr, Cognitive-Behavioral Therapy researchers and P. Zimbardo. In *The Magic Mountain*, the main character, Hans Castorp, suffers repeated traumas with the loss of his mother, father and paternal grandfather, and gradually loses his footing in the intersubjective ("objective") measure of time. In *Slaughterhouse-Five*, the main character, Billy Pilgrim, goes through a series of traumas that leave him "unstuck in time": a condition in which he is displaced (both forwards and backwards) in his spatiotemporal experience. We conclude with a comparison of the two novels highlighting their similarities.

**Keywords:** Childhood trauma; Piaget, J.; Mann, T.; Vonnegut, Jr., K.; Time.

**Introdução**

A leitura psicológica de romances permite que se valorizem aspectos científicos que estão neles presentes e que uma análise puramente literária tenderá a desconsiderar com prejuízo para sua compreensão global. Quando se trata em particular de obras com alto teor filosófico e psicológico que foram escritas tendo em vista um público culto, essa leitura, se não só bem-vinda, se torna até necessária mesmo que por si insuficiente. A proposta deste artigo é, portanto, realizar uma leitura psicológica comparativa de *A montanha mágica* de Thomas Mann (1875-1955) e *Matadouro 5* de Kurt Vonnegut, Jr. (1922-2007). Pelo lado literário, em *A Montanha Mágica* temos um exemplo notório de alongamento e compressão temporal em que o protagonista Hans Castorp, cuja infância foi marcada pela morte dos pais e do avô, eventualmente perde o sentido intersubjetivo de tempo. Em *Matadouro 5*, ocorre uma desestruturação traumática

ca da sequência narrativa a ponto de se anular a temporalidade pelo recurso ao planeta Tralfamadore. Pelo lado filosófico e psicológico, partimos da pesquisa realizada por Jean Piaget sobre o discernimento temporal infantil. A seguir, incorporamos no modelo piagetiano as contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental, além da tipologia de Lenore Terr para o trauma infantil. Como não é possível fazer uma discussão completa das obras, selecionamos passagens de cada uma para análise, indicando sua relevância teórica.

Neste artigo, teremos por objetivo: (1) comparar Mann e Vonnegut; (2) mostrar a utilidade de critérios piagetianos como os de egocentrismo, construção, assimilação-jogo, acomodação-imitação, para a compreensão do fenômeno literário; e (3) fazer uma análise pontual de alguns trechos de cada obra relativas ao efeito do trauma infantil na perda do discernimento temporal, sem pretensão, contudo de arguir que seria chave interpretativa para as obras como um todo.

### **1 Piaget: O critério filosófico de tempo e sua investigação psicológica**

Em uma passagem célebre de suas *Confissões*, Santo Agostinho chamou a atenção para a aparente naturalidade com a qual entendemos o que seria o tempo, mas também apontou a dificuldade enorme que temos de explicar seu critério quando instados a fazê-lo. Já na Filosofia Moderna, Descartes podia recorrer à tese platonicizante do inatismo para sugerir que o discernimento do tempo estaria pré-formado em nós, bastando permitir que ele se estabelecesse por maturação. A reação empirista alegava, ao contrário, que nossa alma seria uma tábula rasa em que a experiência e seu subsequente processamento (por reflexão, abstração, associação, etc.) proveria todo seu conteúdo. A vantagem da proposta empirista é que ela permitia conceber a construção do discernimento do tempo partindo de elementos mais simples, desta forma evitando a circularidade na definição. Partindo de uma experiência sensorial confusa como a do

bebê, podemos entender que ele (a) registre eventos, (b) concatene-os, e que (c) ao tomar consciência de si enquanto distinto do mundo externo, insira-se nessa sequência de eventos como sujeito.

No entanto, apesar da importante contribuição de filósofos empiristas como Locke, Kant argumentou que não podemos construir o discernimento do tempo e espaço somente a partir de impressões sensoriais, pois estas mesmas nos chegariam já enquadradas espacial e temporalmente. O filósofo prussiano propunha, portanto, que tempo e espaço seriam formas previamente dadas na intuição que tornariam a experiência, antes de mais nada, possível.

Ao argumentar que tempo e espaço seriam condições anteriores à própria possibilidade da experiência humana, não interessava a Kant saber se, de fato, o bebê conseguia estruturar suas sensações como o adulto. Sua preocupação não era psicológica, mas epistemológica em um senso purista. Não seria possível, como queriam os empiristas, explicar a construção dos hábitos discriminativos de tempo e espaço a partir da experiência sensorial, pois esta mesma já pressupunha uma estruturação espaço-temporal. Assim, por meio desse argumento dito transcendental, Kant procurava indicar uma suposta circularidade do argumento empirista e também estabelecer que tempo e espaço não seriam conceitos, mas formas puras *a priori* da intuição. À pergunta sobre o que seria o tempo (e o espaço), o filósofo prussiano desejava fornecer uma resposta única e estática, em que Epistemologia e Psicologia seriam rigorosamente separadas.

Sem querer necessariamente invalidar o argumento kantiano, Piaget percebeu que o bebê está longe de ter a capacidade de estruturar sua experiência no tempo e no espaço como o adulto, e que isso requer um processo construtivo que passa por estágios. O psicólogo suíço procurou mostrar que a construção do discernimento do tempo requer operações lógicas e que é posterior à

compreensão do movimento e da velocidade. Ao contrário de uma resposta kantiana única, estática, e estritamente anterior à experiência, Piaget formulou uma resposta variada, processual e que pode ser confrontada com a experiência. Mesmo que teses filosóficas não possam ser justificadas apenas empiricamente, a consulta à experiência permanece necessária, pois evita que se proponham critérios não operacionalizáveis. Sem o ângulo empírico, podemos ser obrigados a aceitar por pura lógica a sugestão de que o bebê teria um "eu transcendental" provido de intuições *a priori* de espaço e tempo. Ao mostrar que essas estruturas *a priori* passam por uma gênese na criança, Piaget supera a dicotomia estéril entre Epistemologia e Psicologia, introduzindo a diacronia. A epistemologia genética aborda o conhecimento tanto pela dimensão interior quanto pela exterior; tanto pela estrutura quanto pela gênese; tanto pela causalidade psicológica, quanto pela coerência lógica. Esta linha de pensamento construtivista apresenta-se, portanto, como uma terceira via entre o empirismo de Locke e Hume e o racionalismo ou inatismo de Descartes, Husserl e Chomsky.

A criança nos dois primeiros anos está, segundo Piaget, no período sensoriomotor. Isto significa que a partir de seus reflexos inatos (como sucção, preensão, etc.), ela inicia um processo de adaptação que envolve a equilibrção entre assimilação e acomodação. Na assimilação, ela internaliza esquemas comportamentais, enquanto que, na acomodação, ela se ajusta ao meio externo. A mente infantil neste período é autocentrada (egocêntrica, vivendo em um subjetivismo absoluto que desconhece a si mesma), limitada a uma percepção ainda não integrada do mundo exterior e sem objetos constantes e independentes. Na medida em que há algum discernimento do tempo, ele é relativo a objetos externos e envolve uma relação de antes e depois. Isto é demonstrável quando o bebê que está chorando de fome se acalma ao perceber a chegada da mãe. Isto é indicativo de que a criança antecipa que mamará e que ela já assimilou esta se-

quência de eventos. Quanto à sensação de duração temporal, ela depende do agir (série prática).

No período simbólico ou pré-operacional subsequente (até os seis ou sete anos) a criança passa a ter capacidade não apenas de reconhecer que os objetos continuam a existir independentemente de sua percepção deles, mas consegue relacionar-se com eles mesmo na sua ausência<sup>2</sup>, o que manifesta uma capacidade representacional ou simbólica. Neste período, Piaget observou que o discernimento espacial predomina sobre o discernimento do tempo e da velocidade<sup>3</sup>. A criança consegue passar de uma série prática para uma série subjetiva ao conseguir vivenciar a duração. Sua capacidade de reconstruir subjetivamente sequências de eventos, no entanto, é limitada, mesmo se ela observa todas as etapas de um processo<sup>4</sup>.

Gradualmente a criança conseguirá acompanhar séries objetivas à medida que superar seu egocentrismo. Embora tenha dificuldade com trans-

---

<sup>2</sup> Como falaremos de *A montanha mágica*, é interessante lembrar que Piaget (1926, p. 282) investigou, em *A representação do mundo na criança*, como o animismo (crença de que a matéria tenha alma e vida) e o artificialismo (crença de que os seres humanos criaram algo) se combinam nas respostas das crianças sobre as origens das montanhas. No primeiro estágio, até os 9 ou 10 anos, as crianças acreditam que as montanhas teriam sido criadas por seres humanos, mas metade delas as consideraria como seres animados, que teriam crescido. Como, uma criança de 5 anos, responde que as montanhas teriam sido plantadas e que então cresceriam por si mesmas. Em *A formação do símbolo na criança* (PIAGET, 2010, p. 275s), o mestre suíço aprofunda sua discussão sobre o artificialismo e o animismo a partir do estudo de seus filhos Jacqueline, Lucienne, e Laurent.

<sup>3</sup> Se mostrarmos a uma criança nesse período um objeto A que se desloca por uma distância maior que um objeto X, ela afirmará que o objeto A, que para nós adultos foi mais veloz, teria levado mais tempo que B. Piaget observou também que a criança nesta fase se orienta a partir do ponto de chegada do movimento, sem ter noção clara de como estimar a distância percorrida. Na terminologia piagetiana, podemos chamar isso de uma centração na posição terminal. Há, porém, outro esquema utilizado pela criança, que envolve a ultrapassagem. Se ela observa que um objeto A ultrapassa um objeto B, então A seria mais veloz. Quando o movimento ocorre em túneis, porém, e a ultrapassagem não pode ser observada, a criança considera que o objeto mais lento seria o que está na posição mais terminal. Este esquema é aplicado também para estimar idades na vertical. A criança identifica a idade com a altura da pessoa. Piaget entende que os dois esquemas (posição terminal e ultrapassagem) precisam ser coordenados. Assim, ele definirá o critério de tempo como uma capacidade de coordenar movimentos de velocidades diferentes.

<sup>4</sup> Piaget demonstra isto por meio de um experimento em que água colorida flui de um recipiente em forma de pera para outro cilíndrico. Embora a criança consiga desenhar a mudança no nível de água nos dois recipientes, quando seus desenhos são tirados fora de ordem, ela não consegue sequenciá-los corretamente. Tal é a limitação da capacidade representacional infantil.

formações ou processos, a criança identifica estados das coisas enquanto independentes de si. O tempo pode então ser associado ao movimento e à velocidade na realidade externa. Ao contrário do que filósofos como Henri Bergson<sup>5</sup> postulavam a partir da reflexão adulta, o discernimento do tempo interno só se torna possível após a criança ter construído um discernimento do tempo físico externo.

Tendo conseguido construir objetos, a criança passa então a poder relacionar-se com eles na sua ausência por meio da capacidade simbólica ou representacional. O discernimento do tempo continuará, porém, vinculado à atividade própria da criança. Assim, quando pedido que ela estime o tempo que levou para desenhar, ela afirmará que mais tempo terá passado quando mais ativa estava. Isto não significa que a criança, quando solicitada a ficar quieta, não sinta, como o adulto, que o tempo passa mais lentamente. O que ocorre é que para a criança é difícil descentrar-se e conceber o tempo passando objetivamente desvinculado de sua própria atividade.

Deste modo, Piaget mostra que o critério de tempo se constrói gradualmente em íntima relação com os critérios de objeto, espaço, causalidade, movimento e velocidade. Hans Aebli (1991) sugeriu que se abandonasse o critério de indiferenciação no período pré-operacional e se entendesse a confusão da criança como uma escolha ou opção induzida (na perspectiva do adulto, falha) de algum aspecto parcial do processo observado como sendo o critério de tempo.

---

<sup>5</sup> Richard Thieberger e Beate Pinkerneil investigaram a influência de Bergson sobre Thomas Mann na questão do tempo, mas não poderemos tratar disso aqui.



No período dito operacional, a criança conseguirá realizar raciocínios reversíveis (de trás para frente)<sup>6</sup> e terá uma flexibilidade maior sustentada por uma memória mais poderosa. Estas operações serão inicialmente concretas, mas se tornarão formais mais tarde. Neste estágio final, a criança a partir dos 11 anos conseguirá coordenar a ordem sequencial de eventos com a estimativa da duração de intervalos de tempo<sup>7</sup>.

Mais recentemente, a Terapia Cognitivo-Comportamental tem utilizado critérios piagetianos como os de esquema, adaptação, assimilação e equilíbrio para lidar com o tratamento de pacientes traumatizados. Deborah Lee e Stuart Turner (BLACK et al., 1997, p. 70) contextualizam as propostas explicativas de Hollon e Garber (1988) e Resick e Schnicke (1992) em termos de uma ruptura do desenvolvimento cognitivo que ao mesmo tempo impacta na dimensão afetiva. É importante lembrar que, segundo Piaget, predomina sempre o desequilíbrio, e que a inteligência é uma extensão de nossa capacidade, enquanto organismos e pessoas, de nos adaptarmos às mudanças ambientais. Um trauma, porém, ocorre quando o ambiente externo gera um desequilíbrio que supera a capacidade auto reguladora do organismo, seja de assimilar o ocorrido, seja de se ajustar (acomodar) a ele. Isso pode levar a uma desestruturação das capacidades já adquiridas, pois seria acionado o mecanismo esquivo como defesa, bloqueando acesso aos esquemas afetados. Um aluno que sofre abuso sexual do professor de história e geografia poderá ter bloqueios cognitivos relativos a esses assuntos.

---

<sup>6</sup> Um bom exemplo de reversibilidade operatória é a capacidade de Mann aumentar ou reduzir o *Erzählraum* (espaço narrado) utilizado para descrever uma mesma unidade de tempo da narrativa (*Erzählzeit*).

<sup>7</sup> Devemos pelo menos mencionar também a abordagem da psicologia evolucionista com relação ao discernimento temporal. Sua diretriz principal reside em investigar até que ponto um tipo de comportamento pode ser adaptativo ou não. Se ele for adaptativo, a reprodução dos organismos com esses padrões de comportamento será favorecida e a frequência de seus genes no conjunto gênico será maior em relação a outros. A importância do discernimento temporal para a reprodução diferencial não é particularmente difícil de reconhecer. Um organismo ou um grupo contando com indivíduos capazes de administrar seu tempo eficientemente terá melhores condições de planejar sua sobrevivência, coordenar sua defesa contra competidores e predadores, antecipar períodos de escassez alimentar, e assim por diante.



Ao interagir com o ambiente, o organismo sempre parte de seus esquemas assimilados. Como notam Hollon e Garber (1988), quando os esquemas assimilados se defrontam com informações discrepantes ocorre uma reação assimilativa ou uma acomodativa. Na primeira, o organismo tenta alterar a informação para que encaixe no esquema já presente. Por exemplo, a vítima, não capaz ainda de assimilar o fato de que foi estuprada, entende a violência que sofreu como sendo provocada por ela mesma. Há um resquício de egocentrismo nisso, pois o eu é considerado a causa de um processo exógeno. O fracasso da assimilação da violência sofrida é sinalizado, segundo Resick e Schnicke (1992), por *flashbacks* e lembranças indesejadas. Na segunda reação, o esquema presente é alterado ou acomodado para se adequar à realidade da violência sofrida. Então, o sujeito reconhece o princípio de que inocentes podem sofrer males neste mundo.

Segundo Hollon e Garber (1988), a reação assimilativa ocorreria mais facilmente que a reação acomodativa porque seria mais simples alterar nossa interpretação de um evento singular do que rever completamente nossa percepção do mundo. Do ponto de vista terapêutico, Resick e Schnicke (1992) consideram que a acomodação, ou seja, o reconhecimento da violência sofrida enquanto tal, deva ser o objetivo a alcançar. No entanto, na falta de apoio terapêutico e social, haveria o perigo de uma super-acomodação (em inglês, *overaccommodation*), em que o eu seria anulado (despersonalização) por sintomas invasivos, esquivos e estimulantes gerados por conflitos entre a nova informação recebida durante o trauma e os esquemas assimilados anteriormente. A assimilação traumática bloqueia tentativas de integração e vincula as novas informações a emoções intensas. O fator surpresa é particularmente importante porque o indivíduo se encontra despreparado para o trauma e sequer imagina

que seria possível. Por isso, ao ocorrer, o trauma abala a própria concepção que temos do mundo como sendo seguro e benevolente.

Terr (1991) identifica quatro caracteres relacionados ao trauma infantil: (1) memórias recorrentes<sup>8</sup> do evento traumático, (2) reencenações ou comportamentos que recriam a experiência (*reenactments* em inglês), (3) medos relativos ao trauma, e (4) atitudes alteradas em relação às pessoas, à vida e ao futuro. Além disso, ela introduz a distinção entre o trauma de tipo I, em que um evento singular é lembrado detalhadamente, gerando reflexões retrospectivas e alucinações, e o tipo II, em que o abuso contínuo aciona mecanismos de negação, recalque, desassociação, auto-anestesia, auto-hipnose, identificação com o agressor e auto-agressão. Terr (1991, p. 17) relata o caso de Jamie, um menino que sofreu abusos de seu pai alcoólatra até ver, aos oito anos, a sua mãe matá-lo a tiros. Como defesa durante todo esse período, Jamie criou seu próprio planeta, em que podia ser invisível e viver em segurança. À noite, ele sonhava repetidamente com a morte do pai e a revivenciava durante o dia. No entanto, o assassinato de seu pai desencadeou em Jamie a convicção de que podia se tornar invisível. Em apenas este caso vemos temas e elementos tratados por autores como H.G. Wells, A. de Saint-Exupéry, Kurt Vonnegut, Jr. e Robert Charles Wilson. É importante lembrar que Terr reconhece casos intermediários entre os tipos I e II (por ela denominados de *crossover conditions*), que ocorrem após mortes repentinas e chocantes ou acidentes que deixam as crianças aleijadas.

Zimbardo e Boyd (1999) reconhecem que a perspectiva temporal se desenvolve na infância e define como lidamos com o tempo. Eles identificam

---

<sup>8</sup> Em 1990, Terr atuou como testemunha especializada no processo em que George Thomas Franklin foi condenado pelo júri pelo assassinato, 21 anos antes, de uma menina de nove anos de idade, tendo a acusação por base apenas a memória supostamente recuperada da filha de Franklin, Eileen. Terr defendeu que Eileen poderia ter reprimido sua memória por todo esse tempo. Em segunda instância, a condenação foi revertida, e mais tarde, indícios de DNA coletados na cena do crime inocentaram Franklin. Apesar do descrédito que Terr incorreu ao defender a teoria da memória reprimida, isso não invalida necessariamente sua tipologia do trauma infantil.

cinco atitudes básicas: (1) orientação para o passado com valoração negativa, (2) orientação para o passado com valoração positiva (saudosismo), (3) orientação para o presente e a gratificação imediata (hedonismo), (4) orientação para o presente com valoração negativa (fatalismo), e (5) orientação para o futuro com valoração positiva (otimismo). A partir de uma conscientização sobre essas perspectivas temporais, os autores esperam poder permitir que as pessoas reconsiderem suas atitudes. Sociedades individualistas tendem a ser mais focadas no futuro, ao passo que sociedades mais coletivistas mantêm uma orientação positiva em relação ao passado. Terr (1991, p. 13) nota nas crianças traumatizadas um sentido de futuro muito reduzido, o que contrasta muito com a visão ilimitada das crianças comuns. Perde-se o que E. Erikson denominava a confiança básica e a autonomia da criança. Ela nota ainda que a criança traumatizada vê o futuro como uma paisagem perigosa e ameaçadora, ao passo que para a criança deprimida o futuro se assemelha mais a uma paisagem vazia e infinita.

## **2 Thomas Mann**

A partir de uma perspectiva piagetiana, um exame da infância do protagonista Hans Castorp seria indispensável para podermos abordar a problemática da perda do discernimento temporal em *A Montanha Mágica*<sup>9</sup>. Mann dedica o segundo capítulo a uma descrição pormenorizada desse período, fornecendo-nos um bom número de informações sobre a morte de seus pais e avô paterno, sua relação com seu tio-avô, sua pia batismal, sua herança ancestral, sua falta de ambição pela grandeza, sua escolha profissional, sua saúde, sua escola, e assim por diante. Frederick Beharriell (1962, p. 154) destaca que a pre-

---

<sup>9</sup> Como é sabido, Mann procurava, após ter escrito *Morte em Veneza*, uma narrativa satírica enquanto fecho para a tragédia anterior. O resultado foi um romance de formação (*Bildungsroman*) marcado por uma grande ênfase no tempo, a ponto de um intérprete como Paul Ricoeur (RICOEUR, 1984, p. 213) querer lê-lo, sobretudo como *Zeitroman*. A crítica tem se ocupado intensamente com a questão de equacionar qual seria a relativa importância de seus temas principais (a formação, o tempo, a morte, a saúde, o destino da cultura europeia e assim por diante). No Brasil, localizamos sobre isto duas meritórias dissertações de mestrado sobre *A Montanha Mágica* (FONTANELLA, 2000 e RODRIGUES, 2008).

ocupação pela infância e a compreensão da importância da psicogênese estavam presentes nos escritos mannianos antes que a influência de Freud e da psicanálise as tivessem tornado um lugar-comum literário<sup>10</sup>. Ademais, Michael Beddow (2003, p.141) explica que Mann preferiu não começar o romance descrevendo a infância do protagonista, pois o relato de sua viagem de Hamburgo a Davos no primeiro capítulo pré-dimensionaria para o leitor todo o processo de desenvolvimento pelo qual o personagem passaria no decorrer do romance.

Os traumas maiores ocorrem quando Castorp tem entre 5 e 9 anos. A mãe morre repentinamente durante a gravidez quando ele tinha cinco anos. O pai falece de pneumonia dois anos mais tarde. O avô paterno se vai pouco menos de um ano e meio depois. Após o enterro do avô, Hans vai morar com o tio-avô, o cônsul Tienappel, que administra sua herança. Castorp havia perdido seus pais e estava construindo uma relação substitutiva com seu avô, com quem conseguia se identificar até fisicamente, quando sofre a perda deste. Isso é grave, pois, como vimos, constitui uma sequência de traumas de tipo I, o que abala a confiança do menino no estabelecimento de relações afetivas. Apesar de se tratar de um personagem ficcional, psicólogos e psicanalistas de abordagens diversas como Bowlby, Winnicott, e Erikson entenderiam a reação do menino Hans perante o cadáver de seu avô:

Não se esqueça que era a terceira vez, num curto lapso de tempo, e numa idade tão tenra, que a morte agia sobre o espírito e os sentidos – principalmente os sentidos – do menino. Esse quadro e essa impressão já não lhe eram novos, senão bastante familiares. Nas duas ocasiões anteriores já se mostrara comedido e dono de si, sem perder o domínio dos nervos, apesar da tristeza natural que sentia. E dessa vez aparentou ainda maior tranquilidade do que das outras. Como

---

<sup>10</sup> "The importance of childhood experience is so central to psychoanalytic theory that the predilection of contemporary literature for stories of childhood and adolescence is commonly assumed to be a result of that theory. With Mann, however, this interest is of pre-Freudian origin. From the very first he showed a tendency to dwell on the childhood of his heroes. This is of special interest in view of the fact that Mann had no great facility in the creation of child character, and no gift for recapturing the child's viewpoint." (BEHARRIELL, 1962, p. 154).

ignorasse a significação prática que aqueles acontecimentos tinham para sua existência, ou talvez os considerasse com certa indiferença pueril, confiante em que o mundo, deste ou daquele modo, cuidaria de seu bem-estar, manifestou em frente dos ataúdes certa frieza igualmente infantil, bem como uma atenção objetiva, à qual o terceiro enterro acrescentou um matiz especial de superioridade precoce, baseada na plenitude da experiência anteriormente adquirida, que o imunizava contra os frequentes acessos de choro e o contágio do pranto dos demais, fazendo com que tudo isso se lhe afigurasse como uma reação normal. No decorrer de três ou quatro meses, após o falecimento do pai, esquecera-se da morte; agora se recordou, e todas as impressões antigas reavivaram-se exatamente, simultâneas e intensas, na sua peculiaridade incomparável. (MANN, 1980, p. 36)

A frieza e indiferença do menino indicam o rompimento do vínculo afetivo. Isso também tem repercussões cognitivas, como se pode ver pela percepção que o garoto tem do cadáver do avô exposto no túmulo.

[...] o avô defunto se afigurava tão estranho, que no fundo nem parecia o avô, senão um boneco de cera, de tamanho natural, que a Morte pusera em seu lugar, e ao qual agora se dedicavam todas essas pompas piedosas e reverentes. Quem jazia ali, ou melhor, aquilo que ali se achava estendido, não era, portanto o verdadeiro avô; não passava de um invólucro, que – Hans Castorp sabia-o muito bem – não constava de cera, mas de sua própria matéria; apenas de matéria, e precisamente nisso residia o indecente e a ausência de tristeza; aquilo era tão pouco triste como são as coisas que dizem respeito ao corpo e só a ele. (MANN, 1980, p. 37)

Não surpreende então que o tio-avô mais tarde observaria no menino uma tendência ao desligamento e à auto-hipnose.

Em todo caso o *porter* [bebida indicada pelo médico Dr. Heidekind contra a anemia, N.A.] tranquilizava apreciavelmente a vitalidade de Hans Castorp e aumentava nele de modo benéfico uma determinada tendência para a "basbaquice"<sup>11</sup>, como dizia seu tio Tienappel, ou seja, aquela sua inclinação para sonhar, de boca aberta, sem pensar, e com o olhar cravado no espaço. (MANN, 1980, p. 39)

Mas e o aspecto cognitivo? Piaget (2014) reconhecia que dificuldades afetivas impactavam sobre o desenvolvimento cognitivo. A suposta simplicida-

---

<sup>11</sup> MANN (2007, p. 46) usa o verbo 'dösen', que significa dormir, cochilar e não tem conotação pejorativa associada à credulidade ou ingenuidade sugerida pela tradução de H. Caro.

de de Hans Castorp tampouco deixou de ser objeto de discussão entre os comentaristas. No capítulo dois, Mann (1980, p. 41-42) nos oferece a seguinte avaliação do protagonista.

Hans Castorp não era nem um gênio nem um imbecil, e a razão de evitarmos, para sua qualificação, o termo "mediocre", reside em circunstâncias que nada têm que ver com sua inteligência e quase nada com a sua singela personalidade; fazemo-lo devido ao respeito que temos pelo seu destino, ao qual nos sentimos inclinados a atribuir certa significação ultra<sup>12</sup>-individual. Seu cérebro satisfazia as exigências do curso científico do colégio, sem que tivesse de recorrer a excessivos esforços [...]. (MANN, 1980, p. 41-42)

Castorp não pode ser considerado mediocre do ponto de vista cognitivo, explica o narrador, pois ele seria suficientemente inteligente para se aperceber de que não haveria razão (Grund) incondicional para justificar esforços descomunais. No entanto, do ponto de vista de empreendimentos e realizações, ele carecia da independência, da vitalidade e da abnegação de um herói cultural, permanecendo, portanto uma figura mediana. Sua formação tecnocientífica servirá, como nota Van Meter Ames (1952, p. 247), apenas como ponto de partida para sua busca filosófica existencial.

Cumpramos também a relação do protagonista com o colega Pribislav<sup>13</sup> Hippe, que teria alguma semelhança física com Cláudia Chauchat, por quem Castorp se apaixona na montanha mágica. No quarto capítulo, a seção sobre Hippe descreve o encontro entre os dois garotos quando Castorp tinha 13 anos, mas privilegia a dimensão (homo) erótica e afetiva, introduzindo o *Leitmotiv* do lápis com a ponta quebrada. Katia (MANN, 1992, p. 72) revela que tanto Chauchat quanto Hippe se baseavam em pessoas reais.<sup>14</sup> A questão

---

<sup>12</sup> Herbert Caro poderia ter usado prefixos como 'supra', 'extra-' ou 'trans-', que exprimem melhor o sentido original, de superação do individual (no original, überpersönliche Bedeutung).

<sup>13</sup> MANN (2007, p. 168) explica que o r acentuado (ř) tem o som de 'sch' em alemão (fricativa pós-alveolar surda, símbolo IPA: ʃ)

<sup>14</sup> "Madame Chauchat, que estava sempre batendo as portas, vivia em Davos. (...) Essa mulher, uma paciente russo-eslava, fê-lo decerto lembrar-se daquele menino eslavo, Pribislav Hippe, um antigo colega de



do tempo surge apenas em plano secundário, ou seja, para fornecer indicações temporais que nos permitissem saber quanto durou o contato entre os dois, embora o narrador não deixe de lembrar ao leitor que um ano seria uma duração significativa na idade dos personagens (MANN, 2007, p. 170).

Do ponto de vista psicológico, estamos, portanto, diante de um protagonista traumatizado no período designado por Piaget como pré-operacional, em que prevalece o uso de símbolos entendidos enquanto representações subjetivas, vinculadas ainda de modo frágil à linguagem socialmente compartilhada pelos adultos. Nessa linguagem subjetiva, vige o egocentrismo cognitivo, em que a criança é incapaz ainda de sair de sua própria perspectiva e contemplar o mundo a partir da visão do Outro. Nesta condição, o Eu e o Outro estão ainda se diferenciando, então é importante ressaltar que o termo 'egocentrismo' não deve sugerir um Eu já formado. Com a idade e as trocas interpessoais, a criança eventualmente supera o egocentrismo, mas em alguns adultos traumatizados isso não é totalmente possível, sobretudo os esquizoides (LAING, 1973). Debra Prager (2014, p. 240) tem razão, portanto, ao ressaltar que:

The protagonist is, after all, life's problem child, "das Sorgenkind des Lebens"<sup>15</sup> as he, Settembrini, and the narrator tell us on more than one occasion, highly sensitive and impressionable, a young man for whom dream and reality are often indistinguishable. (PRAGER, 2014, p. 240)<sup>16</sup>

---

escola. A história de Pribislav e o lápis no pátio do colégio deve ter acontecido com certeza. Uma reminiscência que a mulher despertou em meu marido, embora ele nunca lhe tenha devolvido um lápis. Isto quem fez foi Hans Castorp." (MANN, 1992, p. 72).

<sup>15</sup> Joachim SCHOEPF (2001, p. 167) nos alerta que a expressão "Sorgenkind des Lebens" ("filho enfermão da vida") pode ser entendida tanto quanto genitivus subjectivus ("das Leben, das sich um sein problematisches Kind sorgt") ou como genitivus objectivus ("das Kind, das sich um das Leben schlechthin sorgt").

<sup>16</sup> "O protagonista é, no final das contas, o filho enfermão da vida, como ele, Settembrini, e o narrador nos dizem em mais de uma ocasião, altamente sensível e impressionável, um jovem para quem sonho e realidade são frequentemente indistinguíveis." (minha tradução).



Piaget (1967, p. 201) descreve essa situação em *O raciocínio na criança*.<sup>17</sup> Infelizmente, o esquizoide se mantém ancorado no estágio pré-operacional em que não consegue diferenciar seu Eu do mundo exterior. Winnicott (1975, p. 80-81) alerta para o mesmo perigo de autoengano, particularmente no caso de escritores e artistas.<sup>18</sup>

Vemos em Castorp e, indiretamente, em Thomas Mann,<sup>19</sup> o processo em que o egocentrismo não consegue ser totalmente superado. Isso se manifesta na assimilação lúdica, em que os objetos são incorporados por meio do trato imaginativo, assim como pela acomodação imitativa, em que o jogo envolve copiar objetos e processos observados. O modo como Mann utiliza a escrita é marcado por esses dois processos adaptativos. Pelo lado da assimilação, ele se utiliza de pessoas e traços reais como matéria-prima a ser alterada pela imaginação. Pelo lado da acomodação, ele se esmera em descrições minuciosas que mimetizam propriedades dos objetos.

Dada a técnica manniana de estilizar a realidade (em termos piagetianos, assimilação lúdica), certas informações passam a ter caráter semiautobiográfico (MANN, 1992, p. 60, 111), e seria importante pelo menos notar as tensões entre Thomas e seus próprios filhos Klaus, Golo e Michael, alguns dos

---

<sup>17</sup> "Existem adultos que continuaram egocêntricos em sua maneira de pensar. São seres que interpõem, entre si e o real, um mundo imaginário ou místico, e relacionam tudo a este ponto de vista individual. Inadaptados à vida corrente, eles parecem estar mergulhados numa vida interior, por isso mesmo muito mais intensa. Estarão eles, por esta razão, mais conscientes de si próprios?" (PIAGET, 1967, p. 201)

<sup>18</sup> "Na busca do eu (self), a pessoa interessada pode ter produzido algo valioso em termos de arte, mas um artista bem-sucedido pode ser universalmente aclamado e, no entanto, ter fracassado na tentativa de encontrar o eu (self) que está procurando. O eu (self) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista através de qualquer forma de expressão está buscando o eu (self), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (self)." (WINNICOTT, 1975, p. 80-81)

<sup>19</sup> Referindo-se a seu marido, Katia (MANN, 1992, p.76) comenta que "Neste sentido, ele era uma pessoa perspicaz e possuía, no que se refere à sua capacidade de percepção, as características de Hans Castorp. Meu marido apenas não era tão ingênuo como ele e o título de "criança-problema" também não lhe cabia; no entanto, ele deu muito de si a Hans Castorp. Esta é uma personagem muito subjetiva, apenas bastante simplificada."

quais terminaram por se suicidar (MANN, 1992, p. 83). O conhecimento geral de que Mann utilizava essa técnica associada ao *roman à clef* criou um jogo indesejado de adivinhação por parte de familiares, amigos e conhecidos sobre os personagens. Em alguns casos, como o de Annette Kolb (MANN, 1992, p. 112) e Gerhardt Hauptmann (MANN, 1992, p. 41), semelhanças causavam estranheza e ofensa por parte das pessoas supostamente satirizadas.<sup>20</sup>

Anatol Rosenfeld (1994, p. 32) explica a tentativa de autores como Mann, Hesse e outros de escapar da crise do romance psicológico recorrendo ao mito. Isto asseguraria ao romancista uma defesa contra a acusação de fabular superficialmente sobre a mente humana e evitar uma concorrência direta com as ciências humanas. O mito é atemporal e metafísico, conferindo-lhe uma objetividade mais profunda que a ciência moderna construída a partir de regularidades empíricas. Há, porém, um segundo aspecto decisivo: o mito permite a regressão ao estágio de indefinição do Eu, que Piaget define enquanto egocentrismo cognitivo.<sup>21</sup>

O que se sugere, então, é um quadro com traços esquizoides. A personalidade esquizoide de Castorp o induz a evitar critérios intersubjetivos no seu discernimento do tempo. Deste modo, ele embarca em um processo de reversão do decentramento, o que o faz retornar a um estado de subjetivismo (nos

---

<sup>20</sup> Kolb, antiga amiga de Katia, sentiu-se retratada enquanto Jeannette Scheuerl de Doutor Fausto, descrita como tendo um "rosto de ovelha elegante". Hauptmann serviu de base para Mynheer Peeperkorn.

<sup>21</sup> "A crise do romance psicológico revela-se, de forma nítida, num autor como Thomas Mann que se iniciou como criador de obras psicológicas. No entanto, a partir da década de 1920 tende a visar cada vez mais ao mito, no qual se manifestam estruturas arquetípicas. No mito, o homem - fundido com a vida universal - ainda não conquistou os contornos definidos do Eu." (ROSENFELD, 1994, p. 21). "Certo moderado dualismo indivíduo-mundo é fundamental para o romance psicológico: somente neste confronto cartesiano entre res extensa e res cogitans esta última adquire a sua delimitação nítida. (...) As personagens recebem os seus contornos firmes num mundo temporal e espacialmente delimitado. O tempo, categoria fundamental da realidade psíquica, envolve e une, da mesma forma, o indivíduo, a sociedade e o universo." (ROSENFELD, 1994, p. 26-27). No sensacionismo de Ernst Mach, a subjetividade e o mundo se dissolvem em impressões confusas: "O indivíduo, fechado no seu tempo subjetivo, já não vive no mundo histórico - alheamento temporal que na Montanha Mágica se torna coletivo e patológico. Concomitantemente, porém, a consciência se mostra porosa para a penetração do intemporal. A individuação é superada pela contemplação mística."

termos piagetianos, egocentrismo). Flavell (1988, p. 405) relata estudos sobre regressão não só entre esquizofrênicos, mas em indivíduos tidos como normais.<sup>22</sup> Christian Hick (2003, p. 88-89) reconhece que, apesar das semelhanças com pacientes depressivos, Castorp não seria um deles.<sup>23</sup>

Katia (MANN, 1992, p. 111 e 135) deixa claro que Mann, com toda sua erudição, não era um cientista. Seu interesse pelas informações científicas se limitava ao período de concepção literária. Terminado esse período de assimilação lúdica, Mann não se ocupava mais dos assuntos tratados em seus romances, a única exceção sendo a música. Com relação à psicanálise, ele não se sentia à vontade com ela e não considerava que ela fazia jus ao ato criativo.<sup>24</sup> Van Meter Ames (1952, p. 248) enxerga em *A Montanha Mágica* um duplo aviso: por um lado, a rejeição de atitudes anticientíficas, mas, por outro lado, o alerta contra a pseudociência. Se Mann pretendia fazer um *Zeitroman*, talvez ele tenha conseguido no sentido performativo defendido por Kavaloski (2009), pois o romance não tematiza apenas o tempo, mas o encena (em inglês, *enacts*) na escrita. No entanto, do ponto de vista filosófico, o tratamento do tema deixa a desejar, pois o narrador discute os critérios de tempo e de discernimento temporal se limi-

---

<sup>22</sup> "Vários pesquisadores formularam a hipótese de que as inadequações cognitivas dos esquizofrênicos refletem uma regressão a um nível de funcionamento evolutivo mais imaturo. (...) Examinando os dados de Bibace, tem-se a impressão de que mesmo os sujeitos normais (em média 35 anos, QI 100 e 10 anos de escolaridade) também demonstraram uma boa dose de funcionamento evolutivamente imaturo, ou seja, um funcionamento ao nível das operações concretas e em alguns casos até mesmo em nível pré-operacional." (FLAVELL, 1988, p. 405).

<sup>23</sup> "Überraschende Parallelen kennzeichnen das Zeiterleben depressiver Patienten und die gelebte Zeitvergessenheit auf dem Zauberberg. (...) Die Ähnlichkeit mit dem Zeiterleben Hans Castorps ist nicht zu verkennen. Doch ist Hans Castorp nicht depressiv." (HICK, 2003, p. 88-89). "Paralelos surpreendentes marcam a vivência temporal dos pacientes depressivos e o esquecimento temporal vivido na montanha mágica. (...) A semelhança com a vivência temporal de Hans Castorp não pode ser negada. Contudo, Hans Castorp não é depressivo." (minha tradução).

<sup>24</sup> "Als Künstler muß ich allerdings gestehen, daß ich ganz und gar nicht befriedigt von den Freudschen Ideen bin, ich fühle mich vielmehr beunruhigt und verkleinert durch sie. Wird doch der Künstler von Freuds Ideen wie von einem Bündel X Strahlen durchleuchtet, und das bis zur Verletzung des Geheimnisses seiner Schöpfung." (apud BEHARRIELL, 1962, p. 149) "Como artista devo contudo admitir que não estou nada satisfeito com as ideias freudianas. Sinto-me na verdade incomodado e apequenado por elas. O artista acaba traspasado pelas ideias freudianas como por um feixe de raios X, e isso a ponto de ferir o segredo de seu ato criativo." (minha tradução).

tando a lançar perguntas aporéticas, sem realmente fornecer condições de encaminhar respostas, o que se torna frustrante até mesmo em termos da suposta *Bildung* que se obteria por meio da leitura do livro.<sup>25</sup>

### 3 Kurt Vonnegut, Jr.

Se *A Montanha Mágica* define o início da Primeira Grande Guerra, *Matadouro 5* marca o fim da Segunda Guerra Mundial. Saltando no tempo, nosso percurso nos leva à Batalha das Ardenas, em 1945, quando o jovem Kurt Vonnegut, Jr., descendente de alemães, mas lutando pelos EUA enquanto cidadão norte-americano seria capturado. Levado como prisioneiro de guerra para Dresden, lá sobreviveu a um dos maiores bombardeios contra civis indefesos na Segunda Guerra Mundial, ocorrido em 13 e 15 de Fevereiro. A experiência foi tão traumática que levou mais de vinte anos até que ele pudesse publicar, em 1969, seu livro mais reconhecido,<sup>26</sup> *Matadouro 5*. Mais recentemente (1997), Vonnegut voltou a tratar da questão do tempo em *Tremor de Tempo (Timequake)*, em que as pessoas no ano 2001 são lançadas de volta a 1991 e devem viver tudo de novo.

O estilo de Vonnegut se caracteriza por um uso muito preciso da linguagem coloquial estadunidense, sem abster-se do baixo calão (a ponto de ter suscitado pedidos de censura de seus livros nas escolas), mas justificável em termos expressivos. Resulta disso uma leitura fácil e acessível, de intimidade entre narrador e leitor. Os temas fortes que ele trata são apresentados em modo

---

<sup>25</sup> HICK (2003, 101) concorda: "Die zumindest auf den ersten Blick fehlende echte Lösung des Zeitproblems macht den Schluss des Romans in dieser Hinsicht unbefriedigend." "A falta, pelo menos à primeira vista, de uma genuína solução ao problema do tempo torna o fecho do romance neste sentido insatisfatório." (minha tradução).

<sup>26</sup> O romance está classificado pela Modern Library em décimo-oitavo lugar entre os cem melhores do século XX, constando também na lista da revista TIME dos cem melhores romances em inglês escritos a partir de 1923.

a fazer jus à sua tragicidade com um tom resignado, quicá fatalista,<sup>27</sup> mas com um toque de humor macabro que jamais é leviano. Sua escrita evita uma linearidade monótona ao incluir referências eruditas, estabelecer associações simbólicas emotivas,<sup>28</sup> e realizar saltos no tempo, seja para frente ou para trás. Estes recursos geradores de interesse e variedade jamais são gratuitos. Os detalhes curiosos servem para aprofundar certos pontos, dramatizando-os, enquanto que as reviravoltas temporais são causadas pelo estresse ao qual o protagonista se vê submetido. Antes que o distúrbio de estresse pós-traumático fosse definido pelos psicólogos e psiquiatras, o romance de Vonnegut já fornecia uma descrição dessa condição subjetiva (VEES-GULANI 2003). Vonnegut adota também a técnica balzaquiana de trazer os mesmos personagens em romances diferentes, criando uma rica intertextualidade.

*Matadouro 5* se inicia com um discurso do autor-narrador em que ele explica a dificuldade que teve em verbalizar sua experiência. Deste modo, o caráter ficcional do texto se torna dúbio e reforça o seu teor autobiográfico. No entanto, o personagem principal, Billy Pilgrim, aparenta ser um híbrido entre o próprio Vonnegut e Christian<sup>29</sup> (o protagonista de *O Peregrino* de John Bunyan).

Quanto à sua infância, o narrador não confiável relata que Billy teria sido jogado na piscina por seu pai de modo a ensiná-lo a nadar espontaneamente, e o menino quase se afogou. É a esta experiência traumática que Billy retor-

---

<sup>27</sup> Fredric JAMESON (2005, p. 362) contrasta Vonnegut a Philip K. Dick, qualificando o segundo como um "anti-Vonnegut" por fornecer vislumbres minimamente otimistas e utópicos em relação ao futuro, o que superaria a tendência distópica e apocalíptica dominante na ficção científica ocidental sob o peso da influência de G. Orwell e A. Huxley. Outros críticos reprovam em Vonnegut a tendência a negar o livre arbítrio, o que promoveria a aceitação quietista dos males no mundo.

<sup>28</sup> Por exemplo, o protagonista Billy Pilgrim é um optometrista, o que remete ao olho e à visão, a Édipo e Tirésias.

<sup>29</sup> RIGNEY (2009, p. 14) descreve Billy Pilgrim como um "latter-day Everyman". O Everyman consiste em um protagonista com quem o leitor poderia se identificar mais facilmente. Como vários críticos notam, Billy chega a ser até mais do que isso, devido à visão infantilizada que Vonnegut intencionalmente lhe conferiu.

nará quando, em 1944, ele se descolará do tempo pela primeira vez, pois foi o primeiro momento em que quase morreu.

Foi esta a primeira vez que Billy ficou solto no tempo. Sua atenção começou a girar pelo arco completo de sua vida, indo até a morte, que era uma luz violeta. Lá não havia ninguém nem coisa nenhuma. Só a luz violeta e um zumbido.

Logo depois Billy voltou à vida, recuando até antes de seu nascimento, que era uma luz vermelha e sons borbulhantes. E voltando à vida novamente, ele parou. Era agora um garotinho tomando chuveiro com o pai peludo<sup>30</sup> na A.C.M.<sup>31</sup> de Ilium. Sentiu o cheiro de cloro da piscina ao lado e ouviu o estrondo do trampolim.

O pequeno Billy estava apavorado porque o pai tinha dito que ele aprenderia a nadar pelo método de nada-ou-afunda. O pai jogaria Billy na parte funda da piscina e ele que nadasse.

Foi como uma execução. Billy estava insensibilizado<sup>32</sup> quando o pai o carregou do chuveiro e para a piscina. [Seus olhos estavam fechados. Quando os abriu, ele estava no fundo da piscina,]<sup>33</sup> e ouvia-se uma linda música vinda de todos os lugares. Perdeu a consciência, mas a música continuou. Teve a sensação vaga de que alguém o estava salvando. Billy lamentou isso.<sup>34</sup> (VONNEGUT, 1972, p. 49, minhas alterações indicadas nos rodapés)

O outro episódio traumático é causado pelos pais quando estes levam seu filho único até a beira do Grand Canyon (VONNEGUT, 1991, p.45).

Momentos depois, o disco<sup>35</sup> entrou numa distorção no tempo<sup>36</sup> e Billy foi lançado para trás, até a sua infância. Tinha doze anos e tremia ao lado de seus pais em Bright Angel Point, à beira do Grand Canyon. A pequena família humana estava olhando para o fundo do desfiladeiro, a um quilômetro e meio lá embaixo.

---

<sup>30</sup> No original, VONNEGUT (1991, p.24) usa o termo 'hairy', que poderia ser melhor traduzido como "peludo", o que enfatiza sua animalidade. George Gurjan o traduz como "cabeludo". Cumpre lembrar que o pai de Billy era barbeiro e tinha um comportamento grosseiro, o que não implica em ter cabelos longos, tendo em vista a moda de corte de cabelo da época.

<sup>31</sup> A.C.M. é a Associação Cristã de Moços (em inglês, YMCA).

<sup>32</sup> Vonnegut utiliza o adjetivo 'numb', que se traduz melhor como "insensibilizado". Gurjan o traduz como "paralisado".

<sup>33</sup> Trecho faltante na tradução de George Gurjan.

<sup>34</sup> Vonnegut utiliza a expressão 'resented that', que se traduz melhor como "lamentou isso". A sugestão é que Billy já desde a infância não tinha muito apego à vida. Gurjan a traduz como "não gostou".

<sup>35</sup> Trata-se do disco voador tralfamadoriano.

<sup>36</sup> Em inglês, time warp.



– Bem... – disse o pai de Billy, lançando virilmente<sup>37</sup> um seixo no espaço – aqui estamos. – Tinham viajado de automóvel para esse lugar famoso. No percurso os pneus haviam rebentado várias<sup>38</sup> vezes.

– Valeu a pena, a viagem – disse a mãe de Billy enlevada. – Deus do céu, como valeu a pena.

Billy odiou o desfiladeiro. Tinha certeza de que ia cair. Sua mãe o tocou e ele urinou nas calças.

Havia outros turistas olhando para o fundo da garganta e um guarda-florestal estava lá para responder perguntas. Um francês, que tinha vindo lá da França, perguntou ao guarda-florestal em inglês hesitante, se muita gente se suicidava saltando dali.

– Sim, senhor – disse o guarda-florestal. – Mais ou menos umas três pessoas por ano. – Coisas da vida.<sup>39</sup> (VONNEGUT, 1972, p. 90, minhas alterações indicadas nos rodapés)

Como vimos, experiências deste tipo constituem o que TERR (1991) denomina traumas de tipo I.<sup>40</sup> A criança preserva memórias detalhadas dos eventos e elas tendem a marcar sua percepção do mundo social e natural como algo hostil e ameaçador. Tendo por base estes relatos de trauma infantil, estamos autorizados a abordar a perda de discernimento temporal que Billy sofrerá mais tarde por um viés psicológico. Entretanto, cabe reconhecer a possibilidade de outras leituras, entre as quais a sociológica.

Kevin Brown (2011, p. 102-103) utiliza o conceito durkheimiano de anomia para entender e explicar o comportamento de Billy Pilgrim. Segundo Emile Durkheim, a anomia seria um estado em que a falta de dependência entre as pessoas geraria um vazio de sentido generalizado. Isso é paradoxal, pois esperar-se-ia que a autonomização dos sujeitos geraria maior liberdade. No entanto, ela gera também infelicidade e baixa autoestima. Brown (2011, p. 102) aponta corretamente que, embora as raízes da alienação de Billy estejam na infância, outros personagens também padecem sob o isolamento anômico, conferindo à

---

<sup>37</sup> VONNEGUT (1991, p.45) usa o advérbio 'manfully' para descrever a atitude estereotipicamente masculina ou "machona" do pai. Gurjan o traduz por "corajosamente".

<sup>38</sup> No original consta que "They had several blowouts on the way." Gurjan insere um inexistente número sete em sua tradução.

<sup>39</sup> No original, a famosa expressão "So it goes."

<sup>40</sup> Logo após o desfiladeiro, Billy sofre mais um susto ao ficar no escuro total das Cavernas Carlsbad, cheias de morcegos, porque o guia turístico desejava impressioná-los mais uma vez.



descrição vonnegutiana uma envergadura propriamente sociológica, em que se diagnostica uma patologia do estilo de vida norte-americano. Lembremos que JAMESON (2005, p. 362) havia elogiado Philip K. Dick, contrapondo-o a Vonnegut por resgatar a esperança de uma possível reconstituição do sentimento comunitário perdido na modernidade. Brown (2011, p. 102 e 107) entende que Vonnegut visava a criticar o status quo psiquiátrico da época por reduzir os problemas psicológicos causados pela guerra a experiências infantis negativas. A visão reducionista psicologizante é descrita por Vonnegut (1991, p. 50) assim:

Não pensaram que tinha a ver com a guerra. Estavam certos de que Billy estava se desintegrando porque o pai o tinha jogado na parte funda da piscina da A.C.M. quando era garoto e depois o tinha levado até a beira do Grand Canyon. (VONNEGUT, 1972, p. 102)

Cumpre notar, contudo que a negação do impacto traumático da guerra denunciada por Vonnegut na Psicologia ocorreu também na Sociologia. Os sociólogos Hans Joas e Wolfgang Knöbl (2008, p. 9) retraçam o percurso no desenvolvimento da teoria social desde Hobbes a partir da supressão inconsciente da guerra e da violência (*Kriegsverdrängung*). Segundo os autores, as guerras constituem um desafio afetivo para o pensamento. Os cientistas sociais teriam reagido perante isso de modo evitativo, mitificante ou autoconsolador, sobretudo quando uma guerra particular foi apresentada como sendo a última necessária para a chegada de uma era pacífica.

O efeito psicológico da ficção científica encontra, entre os críticos literários, defensores e detratores. Josh Simpson (BLOOM, 2007, p. 90 e 91) reconhece que Vonnegut evita se posicionar sobre a existência de Tralfamadore, mas afirma que uma leitura cuidadosa do romance indicaria que seria um mero delírio do protagonista. A analogia incontornável e quiçá óbvia a traçarmos seria com o Quixote de Cervantes, em que os romances de cavalaria e fatores psicológicos parecem se fundir na causa de uma psicopatia. Segundo Simpson, a

culpa pelo desencaminhamento de Billy caberia ao personagem Kilgore Trout, um escritor de ficção científica que frequentemente é considerado um alter ego do próprio Vonnegut escritor. O "veneno" literário de Trout, junto com a guerra, são as duas causas principais, em pé de igualdade, dos males que afligem Billy Pilgrim.

Richard Giannone (BLOOM, 2007, p. 67) avalia como positivo o efeito do mundo de ficção científica tralfamadoriana sobre Billy. Segundo ele, ao se blindar emocionalmente, Billy consegue lidar melhor com o mundo porque o si-mesmo (self) gerado pela ficção lhe permite desenvolver novas abordagens cognitivas como: (a) a diminuição da ansiedade pelo congelamento do tempo em uma totalidade simultânea, estática e pontual de passado-presente-futuro; (b) a busca da felicidade pela percepção seletiva dos eventos externos e pela renúncia à realização subjetiva; e (c) o abandono da tentativa de explicar e prever o mundo por meio de esquemas de causa e efeito. Esta mutilação intelectual permite a Billy sustar até o medo da morte enquanto fim definitivo, pois ele já sabe como acontecerá e que será apenas um entre inúmeros eventos entre os quais poderá transitar. Ao possibilitar-lhe aceitar assim o absurdo da existência, a ficção desconjuntada lhe faria menos mal do que o tratamento de eletrochoque, assim como o posterior conforto burguês que desfruta, mesmo que o deixe apático no final.

Embora Giannone esteja considerando a ficção científica como uma resposta ou mesmo uma solução problemática para os traumas de Billy, seria importante não negligenciar a busca por um tratamento das causas subjacentes aos sintomas. O próprio Giannone precisaria reconhecer que o distúrbio afetivo de Billy interfere seriamente com suas funções cognitivas (perceptuais e intelectuais), gerando um custo alto, pois ele precisa suprimir o pensamento para evitar a ansiedade e o medo. Além do aspecto terapêutico, deveríamos considerar

o potencial heurístico-diagnóstico: é possível que histórias de ficção científica atraiam pessoas que, após traumas graves, só sintam como aceitável o investimento emocional em mundos imaginários.

Se o leitor traumatizado pode se identificar com protagonistas que constroem mundos alternativos, o que dizer então dos autores? Como nota Alberto Cacicedo (BLOOM, 2007, p. 97), Vonnegut, no capítulo inicial e através de seu narrador suspeito, revela ter uma doença (*disease* em inglês) noturna que o faz beber álcool e ligar para telefonistas em busca de notícias de amigos. Segundo Cacicedo, a dinâmica do trauma se reflete nesses sintomas, pois a memória de Vonnegut tem que lutar contra o esquecimento de si gerado pela embriaguez. Cacicedo nos remete ao caso do menino traumatizado por ser abandonado pela mãe, discutido por Freud em *Para além do princípio do prazer*. O menino revivia a todo o momento a experiência do trauma. O pai da psicanálise cogitou então a hipótese de que essas repetições do trauma seriam um modo autoconsciente, mesmo que doloroso e contrário ao princípio de prazer, de adquirir domínio sobre o evento. Haveria, porém, indicação de neurose se a repetição fosse inconsciente e, se o evento fosse particularmente traumático, sua rememoração poderia ser bloqueada para preservar o bem-estar psíquico do sujeito. Segundo Cacicedo, o esforço empreendido por Vonnegut em *Matadouro 5* se enquadra no processo de resgate traumático descrito por Freud.

A dimensão infantil está presente na maneira em que Vonnegut, como meio de quebrar o bloqueio da escrita de seu romance, infantiliza a perspectiva do protagonista. CORDLE (2000, p. 173) menciona a propósito "[...] that wonderful, almost childlike simplicity and bluntness that characterizes Vonnegut's prose [...]". Segundo RIGNEY (2009, p. 14), o que sustenta *Matadouro 5* enquanto obra é o registro discursivo caracterizado pela ingenuidade entendida

como inocência e indisciplina do *hors catégorie*.<sup>41</sup> Rigney (2009, p. 17) nos remete a obras de Scott, Pushkin, Stendhal e Tolstoy, em que a ingenuidade e ignorância do sujeito lhe permitem ver mais do que a pessoa supostamente bem (in)formada. Assim, a perspectiva infantil nos libertaria de critérios e esquemas pré-estabelecidos.

Para analisar o texto vonnegutiano, RIGNEY (2009, p. 18) retoma o argumento de E. H. Gombrich sobre o cavalinho de pau. O crítico austríaco-britânico havia observado que para que uma criança considerasse uma vassoura como um cavalinho de pau não era necessário que houvesse uma similaridade representacional estrita entre ambos, mas bastava que a vassoura pudesse desempenhar uma função semelhante e que houvesse um ato imaginativo transformador que Piaget entenderia como assimilação lúdica. Assim, a representação exata seria menos importante do que a funcionalidade e performatividade<sup>42</sup> no jogo infantil. Rigney acredita que o discurso vonnegutiano em *Matadouro 5* operaria similarmente, sem pretensão mimética ou representacional, sendo como uma caricatura, que evita detalhes e faz escolhas. Por isso, ela entende que o romance se distancia da prosa realista e historiográfica e se aproxima dos quadrinhos e dos romances gráficos.

#### **4 Considerações Finais: Comparando Mann e Vonnegut**

Tomando *A Montanha Mágica* de Thomas Mann e *Matadouro 5* de Kurt Vonnegut, Jr. como símbolos marcantes respectivamente do início e do fim de um processo histórico bastante traumático, de Davos a Dresden, podemos constatar que ambos mundos ficcionais assim criados são insubstituíveis como

---

<sup>41</sup> "The single term that seems best to characterize the various features of the work is that of the ingenuous: literally, the innocent or the undisciplined, the *hors catégorie*. By deliberately not fitting in and doing what one might expect, by not writing from a position of knowledge, the novel does something distinctive and makes its mark." (RIGNEY 2009: 14)

<sup>42</sup> A performatividade é entendida em sentido lato, incluindo o efeito que se tem sobre o leitor (efeito perlocucionário de J. L. Austin).

recurso para compreender a história, mesmo que não seja possível atribuir-lhes um estatuto científico claro e inquestionável, pois não pretendem representar o ocorrido, e não podem satisfazer uma teoria correspondencionista da verdade, mas tiveram uma função perlocucionária, como argumentam Kavaloski e Rigney. No entanto, a não leitura destes textos empobrece enormemente a possibilidade de se compreender o ocorrido. Procuramos resumir na tabela abaixo alguns dos itens mais relevantes para nosso estudo comparativo.

<b>Título</b>	<i>A Montanha Mágica</i>	<i>Matadouro 5</i>
<b>Protagonista</b>	Hans Castorp	Billy Pilgrim
<b>Extensão</b>	720 p.	288 p.
<b>Língua</b>	Alemão	Inglês
<b>Semiautobiográfico</b>	Sim	Sim
<b>Narrador não-confiável</b>	Sim	Sim
<b>Performatividade</b>	Sim (KAVALOSKI)	Sim (RIGNEY)
<b>Idade do trauma</b>	5 a 9 anos	? a 12 anos
<b>Estágio cognitivo (PIAGET)</b>	Pré-operacional e operacional concreto	? - Operacional formal
<b>Tipologia do trauma (TERR)</b>	Tipo I <i>crossover</i>	Tipo I <i>crossover</i>
<b>Perspectiva temporal (ZIMBARDO)</b>	Presente positivo dissolvido ( <i>nunc stans</i> )	Passado e presente negativos dilacerados por saltos
<b>Zeitroman</b>	Sim (RICOEUR)	Sim (CORDLE)
<b>Bildungsroman</b>	Não (KRISTIANSEN)	Não

No que diz respeito ao trauma infantil, Hans Castorp e Billy Pilgrim sofrem traumas de Tipo I repetidos, o que gera uma condição denominada por Terr de *crossover* (ou de transição) para a condição do Tipo II, em que ocorreu abuso crônico. Castorp perde seus Outros Significativos muito cedo, mas após isso adquiriu certa estabilidade e bem-estar. Pilgrim não perde os pais, mas re-

gistra traumas marcantes até os 12 anos e não consegue estabelecer vínculos afetivos positivos com eles. A perspectiva temporal (Zimbardo) de ambos é focada no presente, mas a de Castorp parece mais positiva que a de Pilgrim tendo em vista suas melhores condições de vida. Quanto ao efeito dos traumas sobre o desenvolvimento cognitivo, o dano a Castorp também parece menor, tendo também em vista seu relativo sucesso acadêmico. Pilgrim, que registra um trauma até no período operacional formal, adquire não só uma visão negativa do presente, mas passa a precisar truncar sua própria capacidade cognitiva para conseguir lidar com suas dificuldades afetivas.

Enquanto romances, tanto *A Montanha Mágica* quanto *Matadouro 5* apresentam um caráter semiautobiográfico, com narrador suspeito e uso da dimensão performativa do discurso. Ambos são reconhecidos pela crítica como romances temporais (*Zeitromane*), indo além da mera caracterização histórica de seu período, mas tratando o tempo até quase como um personagem.<sup>43</sup> Com raras exceções,<sup>44</sup> há concordância no sentido de que nem um nem o outro seriam romances de formação (*Bildungsromane*) propriamente ditos.<sup>45</sup> Ambos romances retratam a aniquilação da *Bildung* pela guerra e pela violência, deste modo lançando um desafio para aqueles que desejam o autodesenvolvimento.

---

<sup>43</sup> Ricoeur (1984, p. 220) é categórico: "Le Zeitroman conserve, à mon avis, un privilège ineffaçable qui n'apparaît que si l'on pose la question la plus difficile de toutes, celle de la nature véritable de l'apprentissage spirituel dont ce roman est l'histoire. Thomas Mann a choisi de faire des investigations du héros concernant le temps la pierre de touche de toutes ses autres investigations sur la maladie et la mort, sur l'amour, la vie et la culture." O erro de críticos, como (BRUFORD, 1986), que decidem privilegiar a dimensão da cultura, parece residir na confusão entre os requisitos formais do Bildungsroman e o fato de Mann prover tanto conteúdo relevante sobre essa questão. Quanto a Vonnegut, cf. Cordle (2000).

<sup>44</sup> Nancy Nenno (1996, p. 307) alega que "The international atmosphere of *Der Zauberberg*, peopled with characters that serve as metonymic, albeit atypical, representatives of national cultures, thus indicates the centrality of national identity in the novel". Allen (ALLEN, 1991, p. 89) comenta que "One can easily follow the traditional Bildungsroman of Billy's life", mas com isto ele apenas quer dizer que seria possível entender facilmente a história de vida de Pilgrim se ela tivesse sido narrada linearmente. Isto está longe de constituir um argumento a favor da leitura de *Matadouro 5* como Bildungsroman.

<sup>45</sup> Com relação à *Montanha Mágica*, Joachim Schoepf (2001, p. 9) considera o caso encerrado após a crítica negativa de Borge Kristiansen em *Uniform-Form-Überform. Thomas Mann's 'Zauberberg' und Schopenhauers Metaphysik* (1978).



**Referências bibliográficas**

- AEBLI, H. Über die geistige Entwicklung des Kindes. 4. Auflage. Stuttgart: Klett-Cotta, 1991.
- ALLEN, W. R. Understanding Kurt Vonnegut. Columbia: University of South Carolina Press, 1991.
- AMES, V. M. The Humanism of Thomas Mann. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 10, n.3, p. 247-257, 1952.
- BEHARRIEL, F. J. Psychology in the Early Works of Thomas Mann. *PMLA*, v. 77, n.1, p. 149-155, 1962.
- BEDDOW, M. The Magic Mountain. In: ROBERTSON, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Thomas Mann*. Cambridge, UK: CUP, 2003, p. 137-150.
- BLOOM, H. (ed.). *Kurt Vonnegut's Slaughterhouse-five*. Bloom's Guides. NY: Chelsea House, 2007.
- BROWN, K. The Psychiatrists Were Right: Anomic Alienation in Kurt Vonnegut's *Slaughterhouse-Five*. *South Central Review*, v.28, n. 2, p. 101-109, 2011.
- BRUFORD, W.H. "Bildung" in *The Magic Mountain*. In: BLOOM, Harold (ed.). *Thomas Mann's The Magic Mountain. Modern Critical Interpretations*. NY: Chelsea House, 1986, p. 67-83.
- CORDLE, D. Changing of the Old Guard: Time Travel and Literary Technique in the Work of Kurt Vonnegut. *The Yearbook of English Studies*, v. 30 (Time and Narrative), p. 166-176, 2000.
- FLAVELL, J. H. *A psicologia do desenvolvimento de Piaget*. 3ª edição. São Paulo: Pioneira, 1988.
- FONTANELLA, M. A. R. *A montanha mágica como Bildungsroman*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, Campinas, SP: 2000.
- HICK, C. Vom Schwindel ewiger Gegenwart: zur Pathologie der Zeit in Thomas Manns "Zauberberg". In: ENGELHARDT, D.; WISSKIRCHEN, H. (eds.). "Der Zauberberg" - die Welt der Wissenschaften in Thomas Manns Roman. Stuttgart: Schattauer, 2003, p. 71-106.
- HOLLON, S. D.; GARBER, J. Cognitive Therapy. In: ABRAMSON, L. Y. (ed.). *Social Cognition and Clinical Psychology: A synthesis*. NY: Guilford, 1988, p. 204-253.



JAMESON, F. *Archeologies of the Future. The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. London & NY: Verso, 2005.

JOAS, H.; KNÖBL, W. *Kriegsverdrängung: Ein Problem in der Geschichte der Sozialtheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

KAVALOSKI, J. *Performativity and the Dialectic of Time in Thomas Mann's Der Zauberberg*. *German Studies Review*, v. 32, n. 2, p. 319-342, 2009.

LAING, R. D. *O Eu dividido*. Vozes: Petrópolis, 1973.

LEE, D.; TURNER, S. *Cognitive-behavioural models of PTSD*. In: BLACK, D.; NEWMAN, M.; HARRIS-HENDRICKS, J.; MEZEY, G. (eds.). *Psychological Trauma: A Developmental Approach*. Glasgow: Gaskell, 1997, p. 64-80. Republicado em MILLER, D.; GREEN, J. *The Psychology of Sexual Health*. London: Wiley-Blackwell, 2002.

MANN, K. *Minhas Memórias Inescritas*. Tradução de Claudia Baumgart. SP: Ars Poetica Editora, 1992.

MANN, T. *Der Zauberberg*. Roman. Frankfurt am Main: Fischer, 2007.

MANN, T. *A montanha mágica*. Tradução de Herbert Caro. RJ: Nova Fronteira, 1980.

NENNO, N. P. *Projections on Blank Space: Landscape, Nationality, and Identity in Thomas Mann's Der Zauberberg*. *The German Quarterly*, v. 69, n. 3, p. 305-321, Summer, 1996.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

\_\_\_\_\_. *A noção de tempo na criança*. 2ª ed., Tradução de Rubens Fiúza, RJ & SP: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *A representação do mundo na criança*. Tradução de Rubens Fiúza. RJ: Record, 1926.

\_\_\_\_\_. *Relações Entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança*. Tradução de Cláudio J. P. Saltini; Doralice B. Cavenaghi. RJ: Editora Wak, 2014.

\_\_\_\_\_. *O raciocínio na criança*. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.

PRAGER, D. N. *Orienting the Self: The German Literary Encounter with the Eastern Other*. Rochester, NY: Camden House, 2014.

RESICK, P. A.; SCHNICKE, M. K. Cognitive processing therapy for sexual assault victims. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. v. 60, n. 5, p. 748-756, 1992.

RICOEUR, P. *Temps et récit. Tome II. La configuration dans le récit de fiction*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

RIGNEY, A. All This Happened, More or Less: What a Novelist Made of the Bombing of Dresden. *History and Theory*, v. 48, n. 2, Theme Issue 47: Historical Representation and Historical Truth, p. 5-24, 2009.

ROSENFELD, A. *Letras e Leitura*. SP: Perspectiva e EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

SCHOEPF, J. *Die pädagogischen Konzepte in Thomas Manns "Zauberberg" und ihre Wirkung auf die Hauptfigur Hans Castorp*. Marburg: Tectum Verlag DE, 2001.

RODRIGUES, M. A. S. *A representação do tempo no romance Der Zauberberg de Thomas Mann*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP: São Paulo, 2008.

TERR, L. C. Childhood traumas: an outline and overview. *Am J Psychiatry*, v. 1, n. 148, p. 10-20, 1991.

VEES-GULANI, S. Diagnosing Billy Pilgrim: A Psychiatric Approach to Kurt Vonnegut's *Slaughterhouse-Five*. *Critique* v. 44, n. 2, p. 175-184, 2003.

VONNEGUT, JR., Kurt. *Slaughterhouse 5 or The Children's Crusade. A duty-dance with Death*. London: Vintage, 1991.

VONNEGUT, JR., K. *Matadouro n. 5: ou, A cruzada das crianças: uma dança de etiqueta com a morte*. Tradução de George Gurjan. Rio de Janeiro, RJ: Artenova, 1972.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. RJ: Imago, 1975.

ZIMBARDO, P. G.; BOYD, J. N. Putting Time in Perspective: A Valid, Reliable Individual-Difference Metric. In: *The Journal of Personality and Social Psychology*, v. 77, n. 6, p. 1271-1288, 1999.